

“FIO APÓS FIO”: AS FADAS QUE TECEM NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI

Marília da Silva Freitas (ILEEL/PPGLET/UFU)
marilinha06@yahoo.com.br

Resumo: As histórias fantásticas ou maravilhosas das quais seconstituem as lendas, os mitos e os contos de fada fazem parte da literatura mundial desde um tempo em que é impossível se determinar. Graças à memória popular tais narrativas sobrevivem ao tempo e carregam em seu conteúdo as manifestações culturais dos povos que elas representam. E, ao se destacar dentre elas os contos maravilhosos e os contos de fadas, as fadas se fazem presentes na maioria destes escritos ao se despontarem como “mulheres com poderes sobrenaturais” nas novelas de cavalaria do ciclo arturiano chegando à atualidade como seres mágicos capazes de interferirem e transformarem a vida de princesas, príncipes e bruxas dos contos, o que pode ser verificado nas obras de diversos autores da literatura infanto-juvenil, como Marina Colasanti, por exemplo. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo desenvolver uma análise da figura da fada nos contos desta autora, com destaque para a narrativa “fio após fio” do livro *Uma ideia toda azul*(2006), bem como a caracterização da história em que tal personagem está inserida, baseando-se nas teorias de Nelly Novaes Coelho (2003), Bruno Bettelheim (1980), entre outros, sobre a constituição dos contos maravilhosos e de fadas, além de enfatizar a importância da criação e até mesmo “releitura” dos mesmos na literatura atual.

Palavras-Chave: fada, contos de fadas, contos maravilhosos, Marina Colasanti

Os contos de fadas sempre estiveram presentes na literatura mundial, porém possuem uma origem incerta de seu exato surgimento por se derivarem de antigas lendas, com isso, acredita-se que tais histórias originaram-se na idade média, num período em que a oralidade era mais freqüente que a escrita e a cultura greco-romana estava adquirindo os valores cristãos.

Desta forma as histórias de cavalaria arturianas mescladas com a “magia” trazida pelos povos celtas fizeram com que os textos adquirissem características mágicas e de fantasia, em que amores idealizados eram retratados juntamente com as aventuras dos cavaleiros. Esta junção foi fundamental para o surgimento das fadas como também da sustentabilidade que estes contos possuem na atualidade.

Como é possível perceber os contos de fadas estão cada vez mais presentes nos dias atuais através de vários autores que fazem releituras e adaptações dos mesmos, além de tomarem novas proporções como as telas dos cinemas que remontam as histórias ancestrais de acordo com o enfoque escolhido.

E uma das autoras que retomam estas histórias é a Marina Colasanti. A escritora começou a escrever contos de fadas quando teve que substituir uma colega de trabalho que escrevia para a coluna infantil do jornal em que trabalhava. O seu primeiro conto foi “sete anos e mais sete”, baseado na história da bela adormecida, sendo publicado posteriormente em seu primeiro livro de contos de fadas intitulado *Uma idéia toda azul* de 1979.

Este mesmo livro possui, além do conto acima citado, outros nove contos que envolvem o universo maravilhoso das fadas, princesas e outros seres mágicos, e dentre eles se destaca neste artigo o conto “fio após fio” escolhido para a análise, em que se nota a competência da autora, não só em fazer releituras de histórias lendárias, mas de criar novos contos com a mesma capacidade envolvente dos contos de fadas “clássicos”.

Assim, com base nas teorias sobre os contos de fadas será realizada uma análise das personagens fadas presentes em “fio após fio”, além da morfologia de constituição do conto e o enfoque do enredo no plano do inconsciente do leitor, tendo como base as abordagens de teóricos estudiosos deste assunto.

O conto “fio após fio”, como mencionado anteriormente está publicado no livro *Uma idéia toda azul* (2006), se trata de um enredo breve sobre duas irmãs fadas, a Gloxínia e a Nemésia.

As irmãs moravam num castelo de vidro e tinham como ocupação a tarefa de bordar um longo manto de seda branca, mas somente uma haveria de usar. Gloxínia era impaciente e não conseguia arrematar nenhuma das flores que bordava, desmanchando e desperdiçando linha, enquanto Nemésia bordava tranquilamente com gestos seguros e firmes.

Quando Gloxínia percebeu que suas linhas estavam acabando e não havia “avançado” no bordado, dando a chance de sua irmã ficar com o manto, aproveitou o último fio de linha para “bordar a palavra mágica” e transformar Nemésia em aranha. Com isso, Gloxínia teria as linhas que precisasse, pois a irmã passou a tecer os fios que utilizaria em seu bordado.

Gloxínia passou a fazer o seu bordado sem desmanchar, enquanto Nemésia transformada em aranha não parava de produzir teias. Os anos se passaram e Gloxínia finalmente terminou o manto, e assim amarrou-o em seu pescoço para poder mostrá-lo a toda corte, mas ao tentar sair não conseguiu achar a porta, pois as teias de Nemésia estavam por toda a parte. E assim, Nemésia seguiu pacientemente tecendo suas teias por

todos os cantos da corte e do castelo, fazendo da irmã prisioneira dentro de seu “casulo de prata”.

Nota-se claramente que esta narrativa é um conto de fada por se tratar em seu enredo, dentre outros aspectos, de duas personagens fadas. É uma história que se passa no período medieval, porém ao invés de se centralizar em um determinado personagem, como por exemplo, um cavaleiro ou uma princesa que receberá a ajuda mágica de uma fada, a história se focaliza nas irmãs fadas que são as duas personagens centrais do texto.

Desta forma “fio após fio” se diferencia de um conto de fada tradicional ao dar ênfase para a figura da fada, que no contexto medieval passou a dar destaque à uma nova visão da mulher, conforme menciona Coelho:

Nesse contexto histórico/mítico, avulta uma nova imagem de mulher, que se impõe por sua força interior e poder sobre os homens e a natureza: a *mulher com poderes sobrenaturais*. “Imagem arcana” ligada às druidesas, sacerdotisas tidas como magas e profetisas, que deram origem às grandes figuras femininas das novelas arturianas.(COELHO, 2003, p.71)

Assim, a partir do período medieval, as mulheres que possuíam a capacidade de influenciar na vida dos outros homens e na natureza, eram consideradas com poderes sobrenaturais, originando ao longo dos anos a fada, presente na maioria das histórias infantis como o ser intermediário que ajudará o personagem principal do conto a realizar os seus objetivos.

Marina Colasanti em “fio após fio” constrói as suas fadas aproximando-as das características medievais descritas acima por Coelho (2003), pois é possível perceber que Nemésia e Gloxínia se afiguram como duas mulheres que possuem poderes sobrenaturais e a capacidade de transformação e influência na natureza e na corte onde vivem, evidenciando-se pela transformação de Nemésia em aranha e a sua posterior capacidade de tecer todo o reino com suas teias: “Ao redor da corte, ao redor das salas, ao redor do castelo e dos jardins, lá fora fiava e tecia a paciente Nemésia, esquecida da corte, esquecida da irmã para sempre prisioneira do seu casulo de prata.” (COLASANTI, 2006, p. 44). Neste “casulo de prata” se finaliza a narrativa, com a relevância para a transformação do local e da prisão da irmã por uma das fadas.

Outro fato importante a se destacar nesta história é a personalidade das fadas, aproximando-as, também das características medievais, pois como é possível

notar Gloxínia era invejosa e nunca estava satisfeita com o seu trabalho, enquanto Nemésia era confiante e paciente, no entanto vingativa, pois acaba não permitindo que a irmã mostrasse o manto para a sociedade da corte ao prendê-la com suas teias. Com isso a narrativa mostra uma outra face das fadas, diferente da atual, ou seja, uma fada que não é totalmente boa e que está preocupada com os seus próprios interesses.

Ao se destacar tais personalidades o conto de fadas constituído em “fio após fio” irá se assemelhar ao mito de Aracne, em que a mortal se destacou na cidade onde vivia por ser uma excelente tecelã, e assim se considerava melhor que Atena, que era a deusa das fiandeiras e tecelãs, tal fato fez com que Aracne desafiasse Atena em uma competição provando ser Aracne superior a Atena. A deusa ficou enfurecida e como castigo transformou Aracne em uma aranha para que ela fiasse para sempre. Assim, Gloxínia se assemelha à deusa Atena ao transformar a irmã em aranha.

O fato das irmãs tecerem é algo relevantemente simbólico na narrativa, podendo relacioná-la, também ao mito de Ariadne, pois os fios de Nemésia acabam guardando para sempre a vida da irmã dentro do quarto em que bordavam. No entanto é através do ato de tecer que a narrativa se constrói e vai sendo mesclado a relação entre as duas irmãs, enfatizando os poderes mágicos de cada uma.

Após destacar o papel das fadas no texto, faz-se importante ressaltar uma distinção estabelecida por Nelly Novaes Coelho (2003) entre contos de fadas e contos maravilhosos. Tal distinção se dá de acordo com a problemática trazida pela narrativa, sendo que os contos maravilhosos são de origem oriental e retratam problemas de âmbito social, enquanto os contos de fadas, de origem celta, relatam os problemas existenciais, ligadas ao crescimento ou conquista do personagem:

(...) grosso modo, pode-se dizer que o *conto maravilhoso* tem raízes orientais e gira em torno de uma *problemática material/social/sensorial* – a busca de riquezas; a conquista de poder; a satisfação do corpo etc. –, ligada basicamente à realização socioeconômica do indivíduo e seu meio. Ex.: *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*; *O gato de botas*; *O Pescador e o Gênio*; *Simbad, o Marujo*.

Quanto ao *conto de fadas* de raízes celtas, gira em torno de uma *problemática espiritual/ética/existencial*, ligada à realização interior do indivíduo, basicamente por intermédio do Amor. Daí que suas aventuras tenham como motivo central o encontro/ a união do Cavaleiro com a Amada (princesa ou plebeia), após vencer grandes obstáculos, levantados pela maldade de alguém. Ex.: *Rapunzel*, *O pássaro azul*, *A Bela Adormecida*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *A Bela e a Fera*. (COELHO, 2003, p. 79)

Como é possível notar os contos de fadas estão associados a realização pessoal de um dos personagens, que de forma tradicional está ligado na maioria das vezes a conquista do amor, ou a superação de grandes obstáculos. Portanto é a característica de realização pessoal de Gloxínia que assemelha “fio após fio” dos contos de fadas em comparação aos contos maravilhosos.

Morfologicamente é possível perceber aspectos nos contos que se assemelham a outras narrativas, remetendo-se às análises de Propp (2001) sobre os contos maravilhosos, em que o mesmo estabelece funções variantes e invariantes nas narrativas que se formam e podem ser mescladas uma com as outras de acordo com a constituição do enredo.

Dentre várias funções que podem se evidenciar em “fio após fio” é possível perceber a “situação de crise ou mudança”, quando Gloxínia não consegue se satisfazer com o seu próprio bordado. Em seguida, têm-se o “desígnio” relativo à aspiração das personagens em terminar o manto para poder exibi-lo na corte e a “mediação” através da magia, possibilitando Gloxínia ter o manto só para ela. No entanto, a função da “conquista” não acontece neste conto, pois nenhuma das fadas consegue usar o manto bordado para apresentarem-se à corte, pois uma virou aranha e a outra ficou presa nas teias da irmã.

Assim, toda a construção do conto se objetiva em trazer para o leitor uma reflexão que será estabelecida em seu inconsciente, pois segundo a própria autora, ao escrever contos de fadas ela é apenas uma “mediadora”, cabendo ao leitor fazer suas próprias conclusões e reflexões a cerca do mesmo.

Tal afirmação se assemelha ao que Bruno Bettelheim (1980) afirma sobre as narrativas dos contos de fadas, pois, segundo o autor, estas histórias deveriam ser contadas ao invés de serem lidas, permitindo ao narrador “moldá-la” conforme o ouvinte e, assim direcioná-lo à uma interpretação que passe pelo seu inconsciente:

Ouvir os contos de fadas e incorporar as imagens que ele apresenta pode ser comparado a espalhar sementes, onde só algumas ficarão implantadas na mente da criança. Algumas ficarão trabalhando na sua mente de imediato; outras estimularão processos no seu inconsciente. Outras ainda precisarão descansar muito tempo até a mente da criança alcançar um estado adequado para sua germinação, e muitas não criarão raízes.(...) Contar um conto de fadas com a finalidade específica que não seja a de enriquecer a experiência da criança transforma-o num conto admonitório, numa fábula, ou em alguma experiência didática que, na melhor das hipóteses, fala à mente consciente da criança, ao passo que um dos grandes méritos desta

literatura é atingir o inconsciente da criança. (BETTELHEIM, 1980, p.189)

A partir do momento em que o conto é capaz de atingir o inconsciente da criança, ou do leitor, a narrativa atingiu o seu objetivo, conforme menciona Bettelheim acima. Contudo, em “fio após fio” poderá estabelecer inconscientemente a relação entre as duas irmãs e sentimento de inveja e competição entre elas.

E ao tecer, fio após fio, as fadas irmãs vão construindo o destino uma da outra, em que Gloxínia interfere na vida da irmã aprisionando-a como aranha, ao mesmo tempo que Nemésia também aprisiona Gloxínia em seu próprio destino a provando de cumprir com seu objetivo que era desfilar com o manto na corte.

REFERÊNCIAS:

ANDRICAÍN, Sergio; RODRÍGUEZ, Orlando. **Marina Colasanti y las metáforas del inconsciente**. CuatrogatosRevista de Literatura Infantil. Nº.1, janeiro/ março, 2000. Disponível em <<http://www.cuatrogatos.org/marina.html>>. Acesso em 13 janeiro 2013.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COELHO, N. N. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

COLASANTI, Marina. **Uma idéia toda azul**. São Paulo: Global, 2006.

BATISTA, Eliane. Rosa e Colasanti: dois autores, dois momentos, mas o mesmo caminho mítico. In: XII Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística, 2., 2011, Uberlândia. **Anais**. Disponível em <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/2308.pdf>>. Acesso em 13/03/2013.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.